



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14946 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

A DIFICULDADE DA FORMAÇÃO DO HOMEM ANTE AS EXIGÊNCIAS POSTAS PELA TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: UM ESTUDO PARTINDO DO CONCEITO DE “SUJEITO AUTOMÁTICO” DE KARL MARX.
Ged Guimarães - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

A DIFICULDADE DA FORMAÇÃO DO HOMEM ANTE AS EXIGÊNCIAS POSTAS PELA TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: UM ESTUDO PARTINDO DO CONCEITO DE “SUJEITO AUTOMÁTICO” DE KARL MARX.

INTRODUÇÃO

Este trabalho segue na busca da radical compreensão do sentido fundante da formação em contraposição às exigências do sujeito automático da sociedade capitalista.

O critério para se afirmar que a formação está ou não fugindo do seu princípio universal, que é formar o homem antes de se pensar no profissional, buscamos na Antiguidade, mais especificamente na Grécia em seu período clássico. Os gregos concebiam a formação em sentido universal, ou seja, aquela que busca elevar a existência humana, o que, indubitavelmente, implicava em combater a ideia de formar somente um homem utilitário, operacional, tão somente capaz de pensar e resolver os problemas imediatos.

1. Se a finalidade do docente não for outra, senão preparar os seus alunos para a vida social como está instituída, ou seja, prepará-los para uma boa colocação no mercado de trabalho ou para um rentável empreendimento, o que não é outra coisa senão ensinar que os “fortes vencem”, então tudo que foi construído, sobretudo a partir da modernidade, está no curso correto, e os obstáculos são provas, desafios, à capacidade do professor e do aluno em busca da competência.
2. Afirmamos também que nada disso (as questões postas no item 1) elevou os humanos. Ou seja, o que a modernidade qualificou como desenvolvimento não elevou a humanidade, e sim a jogou numa espécie de darwinismo social, o que não é outra coisa senão a disputa individual, literalmente pela vida, ou simbólica, quando a vida, já alienada ao valor dinheiro, é reduzida a uma única finalidade: produzir dinheiro como forma e condição para a existência.
3. Afirmamos ainda que quando o *ofício* de ensinar é afastado em favor de ações práticas, pontuais e utilitárias, a formação resvala para ações próprias de uma empresa, cujos benefícios quantitativos, finalidade de sua existência, têm de ser maiores que os custos. Práticas nessa linha põem o professor, e a instituição na qual trabalha, em conexão, por assim dizer, com as demandas sociais, às quais, na sociedade capitalista, se confundem com o que é requerido imediatamente pelo mercado, o que não parece ser outra coisa senão a do sujeito automático.

DESENVOLVIMENTO DAS QUESTÕES PROPOSTAS

Para compreender as questões postas recorreremos a Marx, especificamente ao seu conceito de homem automático, subsumido ao valor dinheiro. Nas palavras dele,

O dinheiro, na medida em que possui o atributo de tudo comprar, na medida em que possui o atributo de se apropriar de todos os objetos, é, portanto, o objeto

enquanto possessão eminente. A universalidade de seu atributo é a onipotência de seu ser; ele vale, por isso, como ser onipotente... O dinheiro é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem (Marx, 2008, p. 157).

Mas, o dinheiro não anda por aí sozinho, ele precisa do seu portador, ou do seu investidor. Neste caso, pode ser qualquer um que sabe poupá-lo, valorizá-lo. Para esse fim ele precisa daquele que age conforme a lógica interna da valorização do valor. Por outras palavras, ele precisa que o homem aliene a sua vontade ao desejo de valorização permanente do dinheiro. É quando a finalidade da vida se torna uma espécie de sobrevivência em favor da existência progressiva do dinheiro. Ou, como afirma Marx (2011, p. 165), de “simples meio de circulação, [o dinheiro] converte-se repentinamente em senhor e deus no mundo das mercadorias”. Aqueles já alienados à lógica do valor e da sua valorização, cuidam para que o outro adira à nova disciplina. Esse novo homem não está submetido, conforme afirma Jappe (2006, p. 192) “a um senhor de carne e osso e nem a um Deus” transcendente, mas a uma coisa criada por ele mesmo, um fetiche: o dinheiro, a encarnação do valor.

A modernidade, ao reconhecer que todos os indivíduos são livres, iguais e proprietários, lhes confere também o direito individual. Mas, (o direito individual, sem freios, sem limites) pode levar a sociedade ao caos. E quando uma sociedade chega a esse ponto, ela encontra os seus senhores *ad-hoc* que reinam, sobretudo, nas crises, quando delas tiram maior proveito.

Quando as vontades individuais reinam, a racionalidade é minimizada, e a barbárie encontra o seu correspondente caos. É nele que indivíduos, ou indivíduos agrupados, saem ganhando. Não por acaso, algumas empresas aumentaram os seus bilhões e alguns milionários chegaram ao olimpo dos bilionários. Basta uma rápida consulta à rede social que se encontram os novos ricos, os lucros dos bancos, os bilhões da indústria farmacêutica, e os quase trilhões das empresas que propiciam o *home office*, o ensino remoto. Tudo isso tem contribuído para a formação do sujeito automático.

Se a modernidade em seu apogeu criou esse sujeito, parece que a formação que busca formar o homem, ou melhor, elevar a sua humanidade, não pode ser outra, senão a interrogação dessa sociedade que o faz automático.

METODOLOGIA

A pesquisa se situa no âmbito da filosofia, especificamente da filosofia da educação, o que pressupõe a interrogação, a busca do sentido e gênese dos fatos reais e imaginados.

Trata-se de um estudo estritamente bibliográfico no qual se procura encontrar conceitualmente o que dá sentido e dizer o que é com transparência radical, procurando afastar a opacidade do aparente.

Nesse percurso e para esse fim, procedemos conforme se define a pesquisa bibliográfica no âmbito da filosofia, qual seja, o pesquisador deseja ver o que é, dizer como é, e saber os porquês das explicações; deseja ver o que não foi visto, dizer o que não foi dito. Se ele recorre ao já dito é para aprender como uma dada questão foi posta, pensada, *tornada* nova e, ainda, lembrar que, apesar de já dito e explicado, talvez careça de outra explicação.

CONCLUSÕES

A referência, ou melhor, o critério epistemológico que ratifica e verticaliza o entendimento foi construído a partir dos textos de Platão (2000), Aristóteles (2009), Locke (1988), Rousseau (1992), Adam Smith, (2013) e Coêlho (2012). Os clássicos da Antiguidade Clássica, bem como os modernos, nos ajudaram a compreender o sentido da formação. Os dois primeiros nos ensinam que o homem é social por natureza e aquele que exerce o ofício de ensinar (*didaktikós*) deve buscar elevar essa condição fundante. Para eles, o homem é filho da cidade (*polís*) e deve buscar a excelência da vida pública, combatendo as “vontades individuais”, qualificadas como um desvio, um erro, uma *dýsnomia* para a vida social. Os três pensadores modernos, ao contrário dos primeiros, elaboram um discurso para o indivíduo. Ou seja, a questão central para eles é buscar um modo de pensar e agir individualista, cuja sociedade à qual pertencem não exerça sobre os indivíduos nenhuma autoridade, a não ser aquela concedida por meio de um pacto.

Reafirma-se que a sociedade capitalista em seu processo de constituição, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, tinha na *capacidade industriosa e racional do indivíduo* a sua maior expressão, revelada, por exemplo, nas grandes navegações, no desenvolvimento técnico e científico e na capacidade de explorar terras e povos, recorrendo-se, especialmente à escravidão direta.

Os pensadores liberais, a exemplo de Locke e Adam Smith, buscam reafirmar os princípios da liberdade, da igualdade e da propriedade, condição para que haja um indivíduo. Para eles, todos são livres para estenderem a propriedade que cada um traz em si mesmo simplesmente porque existe. Ou seja, para cumprir a finalidade da existência – estender a propriedade – o limite é a própria vontade. Qualquer ação ou desejo alheio a esse princípio deve ser afastado, eliminado, pois o mundo não pertence à “fantasia e ambição dos rixentos e litigiosos” (Locke, 1988, p. 414).

O último autor Coêlho (2006), retoma as questões já postas pelo antigos e nos põe para pensar o sentido da formação, considerando a sociedade em que vivemos,

marcadamente individualista, desigual, autoritária e violenta. Ou seja, ele nos ensina que é necessário compreender a sociedade e, no ofício de ensinar, ajudar os alunos a “destruírem neles mesmo o velho (não saber) e construir o novo (saber)” (Coelho, 1984, p. 4).

Para buscar a crítica ao pensamento moderno recorremos a Marx (2011). Segundo ele, a sociedade capitalista que surge dos escombros da sociedade feudal, embora tenha libertado os homens das relações servis, não realizou avanço nos princípios da igualdade, da liberdade e da democracia, uma promessa dela a toda a sociedade. Por outras palavras, a sociedade capitalista, ao reduzir o homem a simples produtor de valor, acabou transferindo ao capital a condição de sujeito. Decorre dessa assertiva a dificuldade quando se trata da formação do homem, sobretudo, aquela desenvolvida nas escolas, pois, se por um lado, a sociedade deseja a formação do homem prático, utilitário em correspondência com as exigências do mercado, por outro, a formação do homem, uma exigência que deveria ser a primeira, é subsumida à imediatividade requerida pela sociedade, igualada ao mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

COELHO, Ildeu Moreira. (org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

COELHO, Ildeu Moreira. A importância da sala de aula para uma formação de qualidade. **ANAIIS**. Natal: Editora da UFRN, 1994.

JAPPE, Anselm. **La société autophage** – capitalisme, démesure et autodestruction. Paris: Éditions La Découverte, 2017.

KURZ, Robert. **Vies et mort du capitalisme**. Paris: Lignes, 2011.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Trad. de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl. **O capital**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. v.1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BNCC**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_07,

acesso em 18 de março de 2017.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Tradução de Carlos Alberto Nunes, 3ª. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Bertrand, 1992.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Trad. de Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Formação, Homem, Autônomo, Sujeito, Automático.